



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AIDS E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM A CARTA ABERTA

Patricio de Albuquerque Vieira

Universidade Estadual da Paraíba
patricioavieira@hotmail.com

RESUMO

Na sociedade contemporânea, a escola precisa abordar os conteúdos vivenciados pelos professores e pelos alunos no dia-a-dia. Um dos temas pouco explorados no âmbito escolar é a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e suas estratégias de prevenção. A escola se caracteriza como um lugar de socialização, “sendo frequentemente, no Brasil, o único espaço em que a criança pode receber e trocar informações”. Discutir a temática da AIDS na sala de aula é um desafio para o professor, desafio este que deve ser encarado coletivamente em busca de informações, da promoção de debates democráticos, de mudança de comportamentos e de práticas adequadas para diminuir o risco do contágio da doença, além de proporcionar opções e criar condições para que as informações possam ser utilizadas individualmente pelos alunos sempre que necessário. Nessa direção, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o tema da AIDS a partir de uma sequência didática com o gênero textual carta aberta desenvolvida nas aulas de língua portuguesa no ensino médio. A concepção teórico-metodológica utilizada encontra respaldo nos estudos de Bezerra (2007), Schneuwly e Dolz (2004), PCN (1998), Pinto (1996), entre outros.

Palavras-chave: AIDS/orientação sexual, Carta aberta, Ensino médio.

"Quebra de seção contínua".

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a escola precisa abordar os conteúdos vivenciados pelos professores e pelos alunos no dia-a-dia. Em relação a tais conteúdos, uma das dificuldades dos docentes é abordar a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (doravante AIDS) e suas estratégias de prevenção que, embora se faça presente no espaço escolar, é alçado à condição de presença invisível.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Vivemos diariamente com pessoas portadores do vírus da AIDS. As mídias divulgam constantemente os altos números de pessoas infectadas por esse vírus no mundo inteiro. Diante dessa realidade, qual o papel da escola? Esta tem uma tarefa muito importante diante da problemática da AIDS.

Nesse quadro, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o tema AIDS e orientação sexual nas aulas de língua portuguesa no ensino médio, a partir de uma sequência didática com o gênero carta aberta. Discutir o tema AIDS e orientação escola no âmbito escolar se justifica pela importância e necessidade de abordar uma temática tão evidente no cotidiano dos educandos, fato comprovado através das demonstrações de incertezas, curiosidades e interesse pelo tema. Justifica-se ainda pela necessidade de orientação aos jovens que estão vulneráveis a essa doença por diversas razões, sobretudo porque estão na fase da vida em que tem início o exercício da sexualidade, uma das principais vias de transmissão do HIV. Compreendemos que preparar o alunado para essa questão faz parte do papel social da escola, pois como bem enfatiza os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998, p. 229):

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de autorreferência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

A escola não pode mais “ficar de olhos fechados” para o problema da AIDS. Ainda de acordo com os PCN (1998), a AIDS deve ser abordada no eixo de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, desvinculando a sexualidade de tabus e preconceitos, explicitando-a como algo relacionado à vida, sem que a discussão associe sexualidade, doença e morte. A sugestão desses documentos oficiais em relação à AIDS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

é que se explore essa temática quando trazida pelos alunos, mas que se isto não acontecer, cabe ao professor trabalhar o tema com vistas à orientação dos jovens.

Segundo Pinto (1996, p. 44), a escola se caracteriza como um lugar de socialização, “sendo frequentemente, no Brasil, o único espaço em que a criança pode receber e trocar informações”. Assim, abordar a AIDS na sala de aula surge como uma oportunidade de rever o papel da escola e da sua concepção pedagógica e das ações do Projeto Político Pedagógico. A autora considera a AIDS como um desafio para a escola, desafio este que deve ser encarado coletivamente em busca de informações, da promoção de debates democráticos, de mudança de comportamentos e de práticas adequadas para diminuir o risco do contágio da doença, além de “oferecer opções e criar condições para que as informações possam ser interiorizadas e utilizadas individualmente sempre que necessário” (PINTO, 1996, p. 44-45).

Nessa perspectiva, a relação entre os atores sociais da escola deve ser harmoniosa, de confiança e de respeito mútuo. O professor tem credibilidade com o aluno para discutir as mais diversas temáticas no universo escolar. Cabe ao docente a função de contribuir com a formação da personalidade (intelectual) dos estudantes, preparando-os para as mais diversas práticas sociais de interação.

METODOLOGIA

A abordagem sobre o tema “AIDS e orientação sexual” ocorreu a partir de uma sequência didática composta por oito aulas. Escolhemos trabalhar com a sequência didática pelo fato de este instrumento permitir “criar contextos de produção”, variadas atividades “que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários de capacidades de expressão oral ou escrita, em situações de comunicação” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 82).



A sequência didática em foco foi organizada para promover uma reflexão sobre a prevenção da AIDS numa turma de 3º ano do ensino médio de uma escola pública, localizada no interior da Paraíba. O produto final dessa sequência foi o texto “CARTA ABERTA À POPULAÇÃO DE QUEIMADAS SOBRE A AIDS”, o qual resultou das palestras proferidas por profissionais da área de saúde, das aulas expositivo-dialogadas, do depoimento de um portador do vírus HIV e das leituras/discussões da carta aberta “CARTA ABERTA AOS JOVENS: últimas palavras de uma jovem portadora do vírus da aids”¹ e de outros textos com a mesma temática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sendo a escola um espaço favorável para inserir a ação preventiva no processo educacional, Gherpelli (1996) afirma que essa instituição possui uma estrutura adequada para o aprendizado formal. Nela, o professor pode desenvolver uma cultura que proporcione a adequação do comportamento dos jovens à prevenção, pois convive diariamente com muitas crianças e adolescentes, o que possibilita as relações sociais e as trocas de experiências e de informações que atingem direta ou indiretamente a conduta das pessoas.

Seffner (1998, p. 399) explicita que “a AIDS é um tema que diz respeito diretamente à escola”. Para o autor, essa doença se combate com a educação e sendo a escola o espaço social que reúne crianças e adolescentes, principalmente aqueles pertencentes às classes menos favorecidas, tem por obrigação explorar as estratégias de prevenção à AIDS. Assim, é responsabilidade da escola, sobretudo da escola pública, orientar o jovem a se prevenir da doença e promover os conhecimentos fundamentais à formação do aluno, deixando-o a par das estratégias de redução das vulnerabilidades programática, social e individual em relação ao HIV/AIDS. Sobre o papel da escola, cabe destacar que:

¹ Disponível em: http://pt.slideshare.net/rodrigo_cia/carta-aberta-aosjovens.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Como instrumento de cidadania, a escola pode influir e cooperar nos três níveis de vulnerabilidade [...]. Ela pode e deve, efetivamente, trazer informação, e essa informação precisa de um cuidadoso trabalho de comunicação, o que talvez seja o maior desafio. Mas essa comunicação precisa também gerar reflexão. Junto e para além dos espaços de educação formal, é preciso que esses conteúdos comunicados possam ser objeto de reflexão e “experimentação” por parte dos jovens da escola. Junto à reflexão e experimentação, é preciso que o jovem encontre caminhos reais para lidar produtivamente com esses conteúdos. (AYRES, 1998, p. 422).

A partir dessa citação, depreendemos que a escola precisa, em caráter de urgência, revisar o seu currículo, a fim de atender às reais necessidades dos alunos e da sociedade contemporânea. Levar o estudante a vivenciar e experimentar na prática os conteúdos abordados durante as aulas proporciona a ele uma aprendizagem mais eficaz e produtiva. Ou seja: a realidade do aluno é o ponto de partida para o ensino-aprendizagem; é da vivência do discente que o professor retira sua fonte de informação e seus objetos de ensino. No caso da AIDS, a escola não pode se omitir e deixar de cumprir o seu papel: formar cidadãos críticos e competentes para atuarem na sociedade de forma preventiva, principalmente porque:

os adolescentes anseiam por conhecimentos, desejam que o mais experiente, não só lhes transmitam informações sobre o aspecto biofisiológico da sexualidade e da AIDS, mas que discutam com eles as questões afetivas e emocionais que permeiam o desenvolvimento físico, o relacionamento e a iniciação sexual, buscando continência para suas angústias num lugar onde se sentem seguros (WAIDEMAN, 1977, p. 209).

Pensando assim, propomos a sequência didática já mencionada no intuito de discutir a AIDS e suas formas de prevenção. Na primeira aula, apresentamos textos de diversos gêneros textuais (notícia, reportagem, vídeos) para introduzir a temática em epígrafe, a qual imediatamente despertou o interesse dos alunos pelo assunto. De início, muitas inquietações e dúvidas foram manifestadas por eles. A segunda aula foi



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

destinada à apresentação da palestra intitulada “A AIDS e as relações afetivas entre portadores e não portadores da doença”, proferida por um psicólogo da área de saúde. Os alunos sentiram-se mais à vontade para fazer suas perguntas que, na sua maioria, focalizavam o ato sexual. A mesma interação ocorreu na terceira aula, quando uma enfermeira apresentou a palestra “A AIDS e as suas estratégias de prevenção”. Novamente, dos estudantes demonstraram que as suas inquietações giram em torno da prática sexual. Parece que para eles a doença é transmitida apenas por meio da relação sexual, pensamento desfeito após a conversa com a enfermeira. No quarto encontro, os alunos tiveram a oportunidade de ouvir o depoimento de um portador do vírus da AIDS. O silenciamento da turma revelou o interesse pelo tema. Várias foram as dúvidas e curiosidades dos alunos em relação ao modo de contaminação e à convivência com a doença. Já para a quinta aula a turma necessitou da participação de um professor de matemática para orientá-la na construção de gráficos que sistematizassem os dados obtidos nas aulas anteriores no que tange ao número de portadores do vírus da AIDS no Brasil e no mundo, dados estes que serviram de informação para a carta aberta a ser produzida pelos discentes nas aulas seguintes.

O sexto encontro, por sua vez, foi destinado à apresentação e ao estudo da carta aberta. A escolha desse gênero textual deve-se às suas características e funcionalidade: a intenção da carta aberta é defender um ponto de vista diante de seu destinatário ao mesmo tempo em que tenta induzir um público maior a endossar o ponto de vista defendido. A carta aberta “é um texto utilizado em situações de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, atendendo a diversos propósitos, [...] com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando ao público geral a sua leitura” (BEZERRA, 2007, p. 210), haja vista que se caracteriza como um gênero de domínio público e de caráter aberto. Após a leitura e análise do texto “CARTA ABERTA AOS JOVENS: últimas palavras de uma jovem portadora do vírus da AIDS”, a turma deu início a produção de uma carta aberta destinada aos habitantes de sua cidade, qual seja, Queimadas/PB. Apresentar um modelo de carta aberta foi fundamental para a escrita



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dos alunos, pois, sem tal modelo, os estudantes não conseguiriam ter produzido o texto deles, utilizando as características linguísticas e discursivas exigidas pelo gênero em questão. Na sétima aula, os alunos puderam reescrever, de forma consistente e coerente, a carta aberta produzida sob a nossa orientação. A produção desse texto possibilitou aos estudantes expressarem suas opiniões e pontos de vista sobre a AIDS e como prevenir-se dessa doença. A escrita e reescrita desse gênero textual possibilitou aos estudantes envolvidos o levantamento de argumentos e o a reflexão crítica acerca da temática abordada. O trabalho realizado coletivamente estabeleceu a interação entre aluno-aluno e aluno-professor, uma vez que foram discutidas as divergências e as incertezas que o tema trouxe à tona. Por fim, o oitavo momento aconteceu de forma especial para os estudantes, pois estes tiveram a oportunidade de entregar a carta aberta às pessoas nas principais ruas da cidade de Queimadas/PB. A atividade fez a turma perceber a funcionalidade da carta aberta, principalmente pelo fato de ter um destinatário “real”. O envolvimento com as pessoas nas ruas, muitas delas analfabetas, oportunizou aos alunos o diálogo com os transeuntes e a exposição dos conhecimentos adquiridos durante as aulas.

Consideramos que a sequência didática proposta obteve êxito por diversas razões, entre elas: os conhecimentos prévios dos alunos, a interdisciplinaridade, a liberdade de expressão, a interação entre os atores sociais envolvidos nas aulas e a parceria entre profissionais que trabalham em prol da educação e da formação intelectual dos jovens. Além disso, discutir um tema tão presente no cotidiano dos discentes, utilizando uma sequência didática, nos proporcionou um estudo gradativo, estimulante e proveitoso.

A nossa experiência com a abordagem do tema AIDS nos fez perceber que todos os professores devem assumir o papel de orientadores sexuais independentemente da disciplina que lecionam, pois é tarefa deles realizarem tal atividade, uma vez que os



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

temas transversais devem ser contemplados/estudados por todas as disciplinas do currículo oficial.

CONCLUSÃO

A sequência didática desenvolvida numa turma de 3º ano do ensino médio proporcionou a todos envolvidos o esclarecimento de mitos, dúvidas e curiosidades relacionadas à prática sexual e à AIDS. Evidenciou a importância do professor estar preparado para abordar a questão da educação preventiva e do conhecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais/Temas transversais e, em específico, Orientação sexual, para atender às aspirações e às necessidades dos alunos.

A AIDS faz-se presente no cotidiano do alunos, por isso, explorar essa tema na escola faz parte do papel social dessa instituição que deve orientar e preparar o alunado para a cidadania e vivência coletiva. É nesse espaço democrático que as curiosidades, incertezas, diferenças, divergências e opiniões devem ser, sempre que necessário, esclarecidas e desdobradas em outros temas que façam os estudantes refletirem sobre a responsabilidade e o papel social de cada um.

Consideramos que as atividades propostas na sequência didática com o gênero textual carta aberta estabeleceu a interação e a troca de experiências entre os alunos, os professores e os profissionais envolvidos no seu desenvolvimento, revelando a contribuição da interdisciplinaridade para o ensino-aprendizagem na escola e para o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares. In: *Estudos Feministas*. Vol. 9, N. 2/2001, p. 575-585. Florianópolis, SC, UFCS/ CFH/CCE. 2001.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- ALVAREZ, G., TEIXEIRA RODRIGUES, M. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids. *Ser Social*. Brasília, v. 0, n. 8, set. 2009.
- AYRES, J. R. de C. M. Vulnerabilidade dos jovens ao HIV/AIDS: a escola e a construção de uma resposta social. In.: SILVA, L. H. (org.). *A escola cidadã no contexto de globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARROSO, C., BRUSCHINI, C. *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. São Paulo: Cortez, 1990.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos. Apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde*. Brasília, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2000.
- DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DOLZ, J., NOVERRAZ, M., SCHNEUWLY, B. Sequencias didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In.: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GHERPELLI, M. H. B. V. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. In.: TOZZI, D. A. (Org.). *Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e à DST/AIDS*. São Paulo: FDE, 1996.
- FOUCAULT, M. *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. 12. ed. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. G. A.. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- MANN, J., TARANTOLA, D. J. M., NETTER, T. W. *A AIDS no mundo*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1993.
- MENDONÇA FILHO, J. B. Será possível o sexual? In: DUNLEY, G. (Org.) *Sexualidade e Educação: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- PARKER, R. *Na contramão da Aids: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Editora 34, 2000.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PINTO, T. C. R. Educação preventiva na escola. In.: TOZZI, D. A. (Org.). *Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e às DST/AIDS*. São Paulo: FDE, 1996.

MEIRA, L. B. *Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos*. João Pessoa: Autores Associados, 2002.

NUNES, C.; SILVA, E. *A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade - V.16, 1990.

WAIDEMAN, M. C. *Sexualidade, AIDS e adolescência no espaço escolar contemporâneo: a família não fala, o adolescente pede a escola...* Marília: UNESP, 1997. (Tese de Doutorado)

WILDE, J. Prevenção de Aids a partir de uma perspectiva curricular. In: PINTO, T., TELLES, I. S. (Orgs.) *Aids e escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS*. São Paulo: Cortez, 2000.